**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FORTALECIMENTO DA PINTURA CORPORAL DO POVO KANAMARI/ MARAÃ/AM**

Sebastião Solart Corrêa[[1]](#footnote-1)

Jonise Nunes Santos[[2]](#footnote-2)

Ana Carolina Ferreira Alves[[3]](#footnote-3)

**E-mail:** sebastiaosolart1987@gmail.com

**GT 02:** (Educação, Interculturalidade e Desenvolvimento Humano na Amazônia

**Financiamento:** PIBID Diversidade

**Resumo**: O trabalho versa sobre projeto realizado na escola da aldeia do povo Kanamari, do município de Maraã/Amazonas, especificamente, na Aldeia São Francisco. A ação objetivava registrar os conhecimentos referentes à Pintura Corporal do povo estava sendo esquecida, e organizar como material didático e fortalecer a prática da Pintura Corporal na Aldeia. As atividades foram desenvolvidas, reunindo estudantes, professores, sábios e comunitários. Esse trabalho sobre pintura corporal é decorrente das ações do Programa de Iniciação à Docência para a Diversidade, realizado durante a Graduação no curso Formação de Professores Indígenas – área Letras e Artes, da Faculdade de Educação - FACED da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, quando tive interesse de utilizar essa temática no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Assim, o trabalho é parte do TCC, que ao final apontou que os Kanamari vêm conseguindo manter a língua, mitologia, artes e rituais, porém, tais conhecimentos estão fragilizados e a escola ainda não inseriu os Princípios Comunitarismo, Interculturalidade, Interdisciplinaridade, no processo ensino-aprendizagem da escola, que possibilitam documentação e fortalecimento dos conhecimentos tradicionais, assim como cumpre as prerrogativas da Escola Indígena.

**Palavras-chave**: Povo Kanamari; Pinturas Corporais; Tintas Naturais; Identidade.

**INTRODUÇÃO**

O trabalho apresenta atividades pedagógicas realizadas na comunidade Kanamari, envolvendo todos os membros da comunidade, sobre a pintura corporal do povo. O objetivo da ação foi contribuir para fortalecimento desse conhecimento que estava sendo desvalorizado e retomar a prática da pintura corporal, cuja socialização é o objetivo deste texto.

Destacamos que cada povo tem suas próprias pinturas corporais e cada uma com seus significados, assim como tem suas formas de organização em seus territórios sagrados. Segundo Lévi Strauss (1957, p. 202), as pinturas do rosto conferem, antes do mais nada, ao indivíduo, a sua dignidade de ser humano; operam a passagem da natureza à cultura, do animal “estúpido” ao homem civilizado. São diferentes quanto ao estilo e à composição, exprimem a hierarquia do status. Possuem assim uma função sociológica. Especificamente, o povo Kanamari pinta no corpo animais da floresta, que chamamos de ‘djapa’, um sufixo de clãs dos animais.

As ações do projeto fundamentam-se nas orientações pedagógicas para escola indígena, que devem estar alicerçadas no conjunto de ordenamentos jurídicos que asseguram aos povos indígenas, desde a Constituição Federal de 1988, práticas pedagógicas, específicas, diferenciadas, comunitárias, bilíngue ou multilíngue, conforme o Território e interculturais (na perspectiva crítica) (RCNEI, 1998).

Porém, a educação escolar indígena não está sendo prioridade nos municípios, assim, é necessário que os responsáveis pela educação cumpram os direitos, e, consequentemente, os professores das redes municipais estabeleçam estratégias para que a educação e o ensino aos nossos alunos sigam os direitos assegurados, fundamentados nos princípios da educação escolar indígena, considerando que fatores culturais que estão impregnados na mente dos nossos velhos, são conhecimentos que temos que valorizar e documentar para que as novas gerações tenham o direito de aprender e viver.

**METODOLOGIA**

Na intenção de cumprir os direitos dos povos indígenas à Educação Escolar Indígena, na graduação, foi elaborado, desde o segundo período, no âmbito do PIBID Diversidade, projeto pedagógico, fundamentado metodologicamente na Pesquisa-Ação, cujos “princípios predispõem os participantes ao reconhecimento da diversidade, já que eles estão diretamente envolvidos na preparação e na concretização de sua própria formação, escolhendo tanto o conteúdo como os procedimentos” (MARRIE THIOLLENT e COLETTE, 2014, p. 208).

A partir daí, organizamos o planejamento para executar a sequência didática, na aldeia. No primeiro momento, reuni alunos, professores e Gestor da Escola Municipal Indígena Kanamari, para apresentar o projeto, que ocorreria durante a semana. Os alunos ficaram entusiasmados e curiosos, para saber como iria ser o trabalho, mesmo tendo sido explicado.

Ainda no primeiro momento, foi realizada atividade teórica, envolvendo e reunindo a comunidade, na escola, posteriormente, projetei vídeo sobre Grafismos de Etnias Indígenas Brasil (NADIA STABILE, 2008), mostrando pintura corporal, cerâmica, cestaria e arte plumária, para apresentar grafismo de diversos povos indígenas do Brasil.

Finalizado o vídeo, foi franqueada a palavra ao público presente, que se colocou como ator de sua pintura, dizendo que sabiam fazer pintura, e, ao mesmo tempo, acharam alguns grafismos de outros povos, muito difícil de desenhar. Falaram que todas as pinturas são bonitas. Depois do debate, reapresentei o projeto para a comunidade, esclarecendo o objetivo sobre a pintura corporal que já estava sendo esquecida e, que, serviria de material didático para alunos da escola.

Na sala de aula, foram realizadas atividades sobre os conhecimentos prévios dos alunos, por meio de desenho ou produção textual, relacionado ao tema. Os alunos desenharam de acordo com os conhecimentos obtido com seus pais, conforme orientação, gerando material didático, e, ao final da oficina, seriam pintadas no corpo das pessoas que tivessem interesse.

Para realização das atividades, foram criadas equipes para coletar os materiais para produção da tinta natural: Equipe das meninas, que ficou responsável para apanhar urucum na redondeza da aldeia, e a Equipe dos meninos, responsável de retirar o Jenipapo, que necessitou utilizar a canoa para ir em busca da fruta, pois não há mais na aldeia.

Na parte prática do projeto, os estudantes aprendem muito mais que a produção da tinta, conhecem o processo de identificação da matéria-prima para preparação da tinta, que não começa na aplicação da tinta no corpo. Todos as equipes foram orientadas e acompanhadas por pessoas adultas da aldeia, sendo que algumas conheciam os produtos, mas outras cresceram sem aprender.

De posse dos materiais para produção da tinta, foram realizadas oficinas sobre o preparo das tintas, e, posteriormente, aplicadas no corpo. Antes da pintura, foi realizada apresentação dos diversos grafismos, da nossa cultura, que são divididas por gêneros, porém, algumas podem ser utilizados por ambos. Todas as atividades foram registradas de forma escrita, fotos, para compor o TCC e material didático.

**DISCUSSÃO**

Muitos indígenas carregam no corpo e no rosto a identidade cultural do seu povo. As pinturas são as marcas de muitas povos, porém, são diferentes para cada grupo. Hoje existe muita ressignificação de traços e significados, mas os Kanamary ainda não ressignificaram a pintura. Segundo uma idosa da aldeia, “não é para inventar pintura kanamari, pintura vem desde quando Tamakuri[[4]](#footnote-4) criou o mundo. As tintas são feitas de elementos naturais, como urucum, jenipapo, yukui[[5]](#footnote-5)” e outros elementos da natureza, que podem permanecer na pele por um período de 10 a 20 dias.

O momento de explicação sobre as tintas, grafismos foi o mais importante por reforçar a necessidade de fortalecimento da pintura corporal, quando cada kanamari expressou, no seu corpo, as pinturas, diferenciando a pintura masculina e feminina. Posteriormente, foi desenvolvido seminários na escola, apresentando o resultado do trabalho deles. Os alunos sentiram-se engrandecidos e fortalecidos com a tarefa e tiveram a oportunidade de expor sua ideias de experiências durante a sequência didática.

Destacamos que os conteúdos dos componentes curriculares não foram excluídos das atividades, considerando que é direito promover um ensino com base na interculturalidade crítica e interdisciplinar, assim, trabalhamos produção textual, praticando a escrita, reescrita, leitura, releitura, além de registra conhecimentos que, teoricamente, são da área de ciências, artes, práticas corporais, história, sociologia, inclusive da própria matemática, quando precisamos desenhar os grafismos que são compostos de formas geométricas, por exemplo.

De forma mais abrangente, em todo esse processo, prevalece a expressão cultural, discussão fundamental que trabalha com a própria língua kanamari através da pintura, pois falar de uma pintura corporal na língua, tem que falar também em português, sempre usando os dois lados. Sabemos que cada povo tem seu próprio estilo de viva, de pensar, falar, de dançar e um dos exemplos dessa prática de expressar é a própria dança, a pintura.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer do trabalho, foi possível envolver turmas com fases de aprendizagem diferentes, tornando o projeto de conclusão uma experiência muito importante em minha vida. A execução e os resultados colocaram em evidência que o trabalho segue sua lógica de construção e os resultados me deixam feliz em saber que esse trabalho foi uma inspiração para o fortalecimento da pintura corporal do meu povo.

Destaco, ainda, a felicidade das famílias vendo seus filhos participando do projeto, se apropriando do conhecimento sobre pintura corporal alcançando, assim, o objetivo apontando que nossos jovens e adultos precisam de professores ativos, que aprendam as práticas culturais da comunidade, porque muitas pessoas estavam deixando de lado nossos valores, logo a escola é peça significativa para fortalecimento e registro dos conhecimentos.

O trabalho abriu espaço de descoberta de novos artistas, pessoas que gostam de desenhar e pintar. Assim como de entender como se trabalhar com projetos no decorrer do ano letivo, e não apenas na semana dos povos indígenas, conteúdos significativos, com ações que envolvem o interesse aos conhecimentos do povo.

A realização deste trabalho é uma experiência extraordinária na minha vida acadêmica e profissional, por ter aprendido muito com meus alunos e com nossos sábios, com os quais, de certa forma, trocamos experiência que será transmitida à futura geração. Só para exemplificar, mesmo eu sendo da aldeia, não sabia o valor e o significado que a Pintura nos traz. Na realidade, não sabia de nada. Foram eles que me ensinaram e me proporcionaram conhecimentos, fazendo com que eu não finalize aqui esse trabalho, mas dê continuidade para ir muito adiante.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Parecer CNE/CEB n°.13/2012**. Brasília, 2012.

BRASIL. **Resolução CEB Nº 3**. Brasília, 1999

BRASIL. **Resolução Nº 5**. Brasília, 2012

BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LEIRIS, Michel. Race et civilisation. Paris: Unesco, 1951.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: Raça e ciência (I). São Paulo: Perspectiva, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. São Paulo: Anhembi, 1957.

MARIE THIOLLENT, Michel Jean; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, vol. 36, núm. 2, julio-diciembre, 2014, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil.

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Amazônia, da UFAM. Graduado no Curso de Licenciatura Formação de Professores Indígenas - Área Letras e Artes, da FACED, UFAM. sebastiaosolart1987@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Orientadora no Pibid Diversidade. Docente do Curso FPI - Área Letras e Artes, da FACED, UFAM. Doutora pelo PPGL – Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Pará - UFPA. jonise@ufam.edu.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Co-orientadora do TCC. Docente do Curso de Licenciatura FPI; Área Letras e Artes, da FACED, UFAM. Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo - USP. carolfalves@ufam.edu.br [↑](#footnote-ref-3)
4. Tamakuri foi que criou o mundo kanamari e criou a mulher e todos os seres vivos. [↑](#footnote-ref-4)
5. É uma palmeira que nasce os frutos em forma de cachos, utilizamos para fazer a tinta. [↑](#footnote-ref-5)